

O saber feminino no terceiro milênio

*Betty Bernardo Fuks**

Em meio à turbulência político-social que a civilização atravessa, merece inúmeras saudações a libertação de Amina Lawal, a mulher nigeriana e mulçumana condenada a morrer apedrejada. Pode-se começar louvando os esforços da Anistia Internacional, em impelir o governo da Nigéria a abolir uma sentença que, além de estar baseada na leitura ideologizante e deturpada do islamismo, perpetua os métodos mais bárbaros e perversos de se obter total domínio sobre o outro. Amina foi amparada por uma das maiores mobilizações internacionais já vistas na área dos direitos humanos. Nesse sentido, deve-se, também, enaltecer a ação dos meios de comunicação moderna que dando notoriedade a este episódio e a outros que ao igual ferem a dignidade humana, abre um espaço a que homens e mulheres, sociedades e governos, se posicionem, cada vez mais, contra a violência e a crueldade que inundam de sangue e dor os quatro cantos do planeta.

Por quê não bendizer Hauwa Ibrahim, a primeira mulher mulçumana a se formar advogada no norte daquele país e que, num golpe de mestre, conseguiu inocentar sua cliente? Convocou a polissemia do Alcorão, para provar que nem a condenação nem a confissão de culpa dada pela ré, eram válidas legalmente. Resgatar a sabedoria do Texto para combater o fundamentalismo, é uma prova de fé nas conquistas mais sublimes da Humanidade. Um exemplo a ser seguido no combate aos fundamentalismos derivados do Antigo e do Novo Testamento.

A essas constatações iniciais, é preciso reconhecer a coragem da protagonista deste episódio que comoveu o mundo. Ousar transgredir uma lei tirânica, erigida como valor supremo da recusa à diferença, e se arriscar a exercer o direito à feminilidade num mundo governado pela intolerância é, sem dúvida, um ato político que atravessa o corpo e o sentido da vida. Uma lição pungente ao movimento do direito e libertação das mulheres. Um exercício de alteridade vindo do "continente negro", com o qual Freud comparara a própria feminilidade, imprime, definitivamente, um dos rostos da mulher do terceiro milênio. Não se trata mais de lutar, apenas, pela justa e inquestionável igualdade de direitos entre homens e mulheres. Poder exercer o desejo de se transformar, de devir-mulher e de se perguntar, como o faz a poetisa Hilda Hilst,

* Betty Bernardo Fuks, psicanalista e autora de "Freud e a judeidade, a vocação do exílio" (Zahar).

"sou eu esta mulher que anda comigo?", são, também, possibilidades de minorar o mal-estar em nosso tempo.

Nascida em uma tribo do interior da Nigéria, negra e analfabeta, Amina possui a sabedoria ancestral da mulher que é o de re-introduzir a sexualidade, o erotismo e o amor, onde vigora o império do mesmo, do arbítrio e da morte. Um saber que instala, em termos freudianos, a estranheza do mais além da identidade - o descortinar de múltiplos sentidos à aventura do viver. Um saber que ameaça desde a mais remota antiguidade as comunidades, Estados, sociedades totalitárias, assim como, as novas crenças surgidas no Século XX. Por isso mesmo este saber precisa, segundo a própria lógica destas instituições, ser jogado à fogueira ou apedrejado até desaparecer nas trevas. Em *O martelo das feiticeiras*, manual de instruções da Inquisição redigido por Henry Inditores e Jacques Sprenger, a mulher é vista como tendo menos fé do que o homem porque, a etimologia da palavra feminino vem de *fé* e *minus*. Portanto, concluíram os inquisidores, a mulher tem um pacto com o diabo por ser mais carnal.

Amina paga um preço alto por sua condição de mulher: é acusada de adultério. Seu parceiro a abandona. Rito macabro do homem sedutor que faz da mulher sua presa, puro objeto de gozo. Uma devastação na vida de uma mulher. Mas Amina luta: nega-se a ficar no lugar do nada. Nisso difere, radicalmente, de algumas personagens do cinema e da literatura ocidental que tragicamente sucumbem à dor e ao sofrimento da perda do amor. Na vida real, Amina constrói sua história de mulher apaixonada e abandonada, do lado oposto ao da morte. Sua singularidade feminina se desdobra em relação a filha - nascida da experiência limite que ela viveu e a quem o pai renega a paternidade. Em entrevista, poucos meses antes de obter a liberdade, ela afirmou que, em seu caso, ser mulher na Nigéria "vale a pena pelo bebê". Atualmente, vivo apenas por ele". Na mesma ocasião declarou convicta, não se sentir culpada - "o que fiz vem do poder de Deus" -; e que a *Sharia*, a lei islâmica, "também vem do poder de Deus".

E se Deus significar para Amina, feminilidade e repressão? De todas as formas ela permanece no sistema que transgrediu. Mas traz consigo a dimensão de seus limites, a experiência feita de sofrimentos, necessária para atingir a maturidade. Sua africanidade, seu modo subjetivo de se sentir africana, atravessa o véu envolto no corpo, esbanjando uma sensualidade sagrada que se furta ao controle da *Sharia* e dos padrões mulçumanos que vêm se impondo na África desde o século XV.

Perguntada sobre seu desejo de deixar a Nigéria, ela responde com o brilho dos que apostam na vida: "Já disse que a única coisa que eu quero fazer, quando tudo isso terminar é casar". E se substituirmos o verbo casar por amar? A modernidade de Amina parece aqui incontestável. Fala sem hesitação, como uma mulher independente, livre para amar, ainda que saiba, por experiência própria, que o amor entre um homem e uma mulher pode ser efêmero e transitório ou trazer dores inenarráveis. Mas nem por isso, ela o considera desnecessário e menos belo. Tal como a bela Sulamita do poema bíblico escrito pelo Rei Salomão, Amina deseja um parceiro a quem possa pedir sem falsos pudores, "Que me beije com beijos de tua boca! Tuas carícias são melhores do que o vinho,/ teus perfumes são agradáveis de respirar,/ teu nome é como um óleo escorrendo." (Cântico dos Cânticos 1,2-3).

Bendita Amina, uma mulher *ancestral-moderna* que se deixa comandar por pulsões libertadoras! Certamente sua voz fará eco no coração do homem e da mulher que reconhecer no dom da vida, a mobilidade contínua e inesgotável do feminino.